

7

Conclusão

Esta pesquisa procurou discutir os processos de aprendizagem não formal e as práticas informais de aprendizagem musical na oficina de música do projeto PIBID/UEMG em uma escola pública de ensino médio de Belo Horizonte, e, de forma específica, a aprendizagem não formal e as práticas informais de aprendizado musical (GREEN, 2008).

A oficina funcionou como um ambiente para a aplicação de diversas possibilidades de ensino/aprendizagem musical. A escola estadual ofereceu uma estrutura física adequada, com vários espaços disponíveis para o desenvolvimento das atividades, o que facilitou a elaboração das mesmas. O Projeto PIBID aproximou a universidade da realidade da escola pública e mostrou-se eficaz na proposta de oportunizar um espaço aos alunos licenciandos para o exercício prático da docência. Houve participação efetiva dos bolsistas como membros da equipe de trabalho, atuando em todas as etapas do projeto, a saber: planejamento das atividades, execução das mesmas e reflexão sobre os resultados obtidos. Em seguida, foi realizada avaliação da necessidade de readaptação ou não da abordagem/conteúdo para as atividades seguintes, possibilitando a eles uma visão ampliada de todo processo docente na prática, transformando esta participação em um grande aprendizado. Essa constatação vai ao encontro da pesquisa de Pires (2015) que afirma que “o PIBID se configura como um espaço formativo importante para a construção de conhecimentos profissionais do professor de música diante da abundância de conhecimentos profissionais em construção” (PIRES, 2015, p. 297).

Dado ao horário extenso da oficina (três horas), procuraram-se outras ações para preenchimento desse período, visto que qualquer prática executada durante esse tempo seria extenuante para os participantes. A ideia de começar com um horário mais aberto direcionado às dinâmicas de grupo mostrou-se acertada, propiciando um incremento na interação e na motivação do grupo de alunos e bolsistas, oportunizando uma maior aproximação entre eles. Houve a possibilidade de desenvolver diferentes práticas, como: jogos (nomes, palavras, gestos associados a ritmos com palmas, marcação com os pés etc.); conscientização rítmica através de uma música; acompanhamento e associação da pulsação com figuras geométricas; exemplo de forma musical através da análise da trilha sonora de um videogame; e a improvisação a partir da experiência no teclado etc. O espaço destinado às dinâmicas mostrou-se importante para desenvolvimento de atividades diversas, através da utilização de materiais variados, dando liberdade aos bolsistas e alunos para trazerem sugestões que pudessem ser adaptadas e/ou aplicadas ao contexto das práticas, funcionando como um laboratório de prática e aprendizado docente e discente.

O acesso e a escolha do instrumento, anteriormente à oficina, foram relatados como sendo fundamentais para o início do aprendizado prático dos participantes. Na oficina, observamos que a prática do compartilhamento dos instrumentos entre bolsistas e alunos era comum e foi indispensável para o andamento do projeto. Observou-se que houve dificuldades para aqueles que não possuíam um instrumento para prática, e esse fato desestimulou alguns alunos a continuarem na oficina.

A aula de instrumentos foi o momento mais familiar para bolsistas e alunos, provavelmente devido ao seu formato tutorial, com um indivíduo assumindo o posto de professor de um lado e a presença de alunos do outro. Os bolsistas estavam mais acostumados a esse formato, pois todos já atuavam profissionalmente como professores de instrumento. Esta etapa possibilitou aos alunos trazerem suas dúvidas sobre músicas/trechos musicais que encontraram na Internet e que, por algum motivo, não entenderam como tocar. Podemos ressaltar que, apesar da grande oferta de informações na rede, a presença e o contato com uma pessoa mais experiente como o professor é importante para observações e sugestões do melhor caminho para o aluno tocar o que deseja e da melhor forma possível. Nem todos os bolsistas possuíam experiência prática com o ensino coletivo de diferentes instrumentos, ao mesmo tempo. Foi necessário observar os colegas com tal experiência, buscando elementos e aprendizado para que a aula ocorresse. Desta forma, os bolsistas tiveram oportunidade de

presenciar maneiras diferentes de apresentar um tópico. Com o revezamento da liderança proposto pela coordenação, cada licenciando observou os quatro colegas dando aulas, quatro maneiras diferentes de desenvolver uma atividade, os detalhes enfatizados por cada um, além das diferentes maneiras de discorrer sobre os tópicos. O projeto PIBID, nesse sentido, foi de extrema importância, pois proporcionou o exercício da aprendizagem colaborativa tanto entre bolsistas quanto entre bolsistas e alunos, como também entre os próprios alunos.

Na prática em grupo, a ênfase era tocar um repertório escolhido pelos alunos. Eles deveriam tentar “tirar estas músicas de ouvido”, ensaiar com seus grupos e, posteriormente, apresentá-las aos demais integrantes da oficina. Esta possibilidade deixou os alunos interessados e motivados, pois poderiam aprender a tocar as músicas que gostavam, junto aos colegas, além de também aplicar aquilo que foi aprendido no momento anterior (esclarecimento das dúvidas sobre alguma música/trecho musical).

O processo de “tirar músicas de ouvido” foi considerado difícil pelos alunos e todos precisaram do auxílio dos bolsistas para solucionarem alguma dúvida. Mesmo diante dessa dificuldade, esse exercício mostrou-se efetivo para aprendizagem e aprimoramento da audição. Os participantes que já haviam praticado anteriormente essa atividade reconheceram que, com o passar do tempo e a persistência no exercício, era possível “tirar” cada vez mais informações da música, ou seja, aprimorar o reconhecimento dos sons e sua equivalência no instrumento.

A aplicação do modelo das práticas informais trouxe certa angústia para aqueles bolsistas que não tinham experiência com esse método. Durante as práticas, os bolsistas foram orientados a observar o andamento das atividades, e, quando requisitados para sanar dúvidas, deveriam evitar dar a resposta exata e sim conduzir o aluno a entender o que estava acontecendo. Apesar do desconforto de não poder responder exatamente o que estava sendo perguntado, os licenciandos reconheceram que, através dessa abordagem, aprenderam outras formas de ensinar, utilizando explicações diferentes com o intuito de guiar o aluno até o entendimento do “porquê” da sua dúvida. Segundo eles, essa experiência os tornou mais reflexivos sobre o processo de ensino.

A tecnologia esteve presente em todas as etapas da oficina de música e, de forma surpreendente, pudemos constatar a sua crescente influência nas atividades realizadas. A partir de dispositivos cada vez mais acessíveis e potentes, a aquisição,

a escuta e o compartilhamento de áudios, vídeos e toda e qualquer informação sobre música foi extremamente facilitado. Ampliaram-se as possibilidades de acesso aos materiais que podem auxiliar o aprendizado musical. Os sites Cifraclub e Youtube foram amplamente mencionados como exemplos deste movimento. Um recurso importante salientado é que nesses sites pode-se ver e rever partes ou todo o vídeo quantas vezes forem necessárias, sendo o entendimento do conteúdo, desta forma, facilitado. Além disso, através de links com as redes sociais ou canais próprios, há a possibilidade de interação com pessoas distantes fisicamente e que possivelmente nunca poderiam se encontrar. Antes se aprendia com colegas, vizinhos, pessoas próximas, mas agora, além desses contatos, é possível conversar e interagir com pessoas de qualquer lugar do mundo, bastando ter um equipamento adequado. A Internet ampliou as possibilidades de compartilhamento, troca de informações e aprendizado musical, sendo os números de acessos mensais de sites como o Cifraclub e Youtube, que giram na casa dos milhões de visitas, uma confirmação desse fenômeno.

Este ambiente virtual continua em expansão e, a cada dia, novos materiais direcionados para a prática musical são postados em sites e redes sociais, ampliando exponencialmente as possibilidades de acesso, troca de informações e aprendizagem. Devemos salientar que as respostas aqui descritas foram dadas no ano de 2014, quando foram aplicados os questionários. Com o rápido desenvolvimento da Internet e dos dispositivos eletrônicos, bem como a popularização do acesso a essas tecnologias, as respostas poderiam apresentar diferenças, se as perguntas fossem feitas agora.

Entre os dispositivos mais utilizados na oficina de música, destacou-se o celular, que, desde sua invenção, agrega cada vez mais funções. Pode-se acessar a Internet, escutar e/ou escolher uma música dentre uma variedade imensa de opções, fazer o *download* de um arquivo desejado e, com aplicativos adequados, editar este áudio, por exemplo, alterar a velocidade de execução sem alterar a afinação, recurso impossível de ser realizado há alguns anos atrás. A manipulação de uma música para escutar e/ou “tirar de ouvido”, bem como o seu compartilhamento, ficou significativamente facilitado. Tem-se a impressão de que a Internet e os dispositivos tecnológicos desenvolvem-se mais rápido do que podemos acompanhar, havendo sempre algum dispositivo, programa ou aplicativo desconhecido que oferece um recurso inédito. Alunos e bolsistas possuem uma considerável afinidade com essa tecnologia e sempre podem trazer novidades, ou seja, cada vez mais estamos utilizando recursos provenientes da Internet juntamente com dispositivos eletrônicos. Desta forma, como podemos

agregar a tecnologia, os vários dispositivos eletrônicos (e de forma particular, o telefone celular), às atividades de prática musical? É possível ir além da utilização dos recursos tecnológicos apenas como instrumentos e passar a utilizá-los como ferramentas para o auxílio no desenvolvimento de um pensamento crítico a respeito de tópicos musicais?

Alguns tópicos não puderam ser desenvolvidos nesta pesquisa e ensejam novos estudos para maiores esclarecimentos.

O projeto PIBID possibilitou o desenvolvimento da oficina de música na escola pública e oportunizou uma série de práticas desenvolvidas pela equipe do projeto, principalmente pelos bolsistas. Projetos semelhantes que contribuam para a prática e/ou ensino musical em ambiente escolar merecem maior atenção, pois há uma grande variedade de contextos escolares e, conseqüentemente, uma multiplicidade de situações que devem ser consideradas, observadas e pesquisadas. Poderemos experimentar novas possibilidades e recursos didáticos, como a aprendizagem colaborativa, a abordagem não formal e as práticas informais de aprendizagem musical para que atividades musicais possam ser estimuladas, facilitadas e praticadas nas escolas. Soma-se a isto a necessidade de observarmos e promovermos o exercício da docência do futuro professor de música nos ambientes reais de sua possível atuação, como a escola regular, pública ou privada.

Uma das limitações desta pesquisa foi a falta de espaço suficiente neste trabalho para dar voz ao representante da instituição escolar (o já citado professor supervisor do Projeto) para que o ponto de vista da escola fosse considerado. Através de novas pesquisas em contextos semelhantes, poderemos ouvir esse representante e, assim, ter uma ideia da recepção e do andamento desses projetos sob o olhar da escola, seus pontos fortes e fracos e possíveis maneiras de aprimoramento.

Há a necessidade de municiar as escolas com melhor estrutura de som e instrumentos para que alunos e professores possam ter opções de escolha, e, desta forma, possibilitar o desenvolvimento de práticas e pesquisas na área musical. Um melhor equipamento poderá trazer uma melhor qualidade sonora e possivelmente um maior estímulo para a participação nas atividades, agregando mais interessados no fazer musical e, conseqüentemente, ampliando as possibilidades de pesquisa.

O aprendizado informal já foi identificado em contextos diversos, mas a sistematização e a experimentação desse tipo de aprendizado em ambientes escolares não foram realizadas na mesma proporção e necessitam de maiores esclarecimentos, por exemplo, sobre como utilizar estas atividades como instrumentos agregadores para a prática musical.

Este estudo aponta para as possibilidades de aplicação de uma combinação de atividades baseadas nas características das aprendizagens não formal e informal. Todas as atividades foram feitas de forma coletiva, potencializando as características da aprendizagem colaborativa. Constatou-se que as atividades baseadas na aprendizagem não formal, juntamente com a aplicação das práticas informais, funcionaram como estímulo à prática e ao ensino musical, na medida em que procuraram:

- Utilizar um repertório popular conhecido e reconhecido pelos alunos, aproximando os tutores/orientadores do universo musical dos aprendizes. Os futuros professores podem ser flexíveis quanto ao repertório utilizado, podendo, inclusive, aproveitar músicas que eles não conhecem para o ensino de algum tópico musical;
- Utilizar o ensino de instrumentos como aprimoramento musical dos alunos e ferramenta para as outras atividades da oficina;
- Utilizar, sempre que possível, materiais obtidos na Internet, como vídeos, jogos, filmes etc., reconhecendo a familiaridade dos alunos com esses recursos tecnológicos.

As características originais das práticas informais estiveram, em sua maioria, presentes nas atividades da oficina. A inserção dessa abordagem numa escola e, de certa forma, sistematizada em etapas fez com que esta atividade perdesse um dos seus principais atributos que é a não sistematização. Por outro lado, mantiveram-se as demais características dessas práticas, o que proporcionou uma maior aproximação com o universo musical dos alunos e um maior interesse destes nas questões musicais.

Todas as atividades da oficina contemplaram a prática musical, confirmando essa abordagem como um agente de incentivo da própria prática. Consequentemente, o interesse por assuntos relacionados ao conhecimento musical é ampliado, mesmo não sendo a prática a única forma de estímulo e transmissão de conteúdo

musical. O PIBID também possibilitou a atuação dos licenciandos como instrumentistas, agregando mais oportunidades na atividade docente destes futuros professores, mas ressalte-se que não foi o objetivo deste trabalho avaliar o nível de habilidade dos bolsistas nos instrumentos mencionados.

A oficina proporcionou aos participantes diversas oportunidades para a aquisição de experiências. Em relação aos alunos, podemos destacar a troca de informações; a ajuda mútua; o estímulo ao interesse pelo conhecimento musical; estímulo à escuta, à prática e ao aprendizado musical; o trabalho em equipe; a interação entre colegas. Com relação aos bolsistas, podemos mencionar o contato com ambiente real de ensino numa escola pública; a ênfase no desenvolvimento da atividade docente; o trabalho em equipe no planejamento, desenvolvimento, execução, observação dos resultados e reflexão para possíveis ajustes futuros; o ensino e aprendizado com os colegas.

Finalizando, o presente trabalho se propôs agregar mais elementos ao caminho – anteriormente trilhado por muitos outros estudiosos – de convergência das abordagens formal, não formal e informal do ensino musical, sem preponderância de um sobre o outro e nem desmerecimento de qualquer dos três, mas sim de observação, identificação e utilização dos melhores recursos de cada um, principalmente da aprendizagem informal, com o objetivo primário de ampliar, desmistificar e facilitar os processos de ensino e aprendizagem da música.